RICARDO CRISTOFARO

Só não existe o que não pode ser imaginado¹: articulações entre corpo e novas tecnologias na arte contemporânea

RESUMO

Diante das atuais articulações traçadas entre arte e novas tecnologias, o artigo procura situar determinadas estratégias da produção artística que se encontram motivadas por possíveis reconfigurações da anatomia humana refletindo acerca de reposicionamentos de natureza ética, moral e comportamental.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo, poéticas contemporâneas, manipulação de imagens, biotecnologia, transgenia.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.886.

SÓ NÃO EXISTE O QUE NÃO PODE SER IMAGINADO: ARTICULAÇÕES ENTRE CORPO E NOVAS TECNOLOGIAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Grande parte da relação entre o homem e as novas tecnologias é marcada por uma problemática evidenciada por obsolescências de objetos e funções, ampliações e reduções de capacidades, somadas a um acentuado reposicionamento comportamental. Nas sociedades pós-industriais, esta questão parece ter se aprofundando diante das conquistas da informática, telecomunicações e biotecnologias, áreas fundamentais das novas tecnociências contemporâneas.

As atuais relações tecno-humanas têm nos colocado diante de diferenciados ambientes e formações sociais, caracterizados por novos regimes de percepção, relação e poder. Nestes ambientes e formações, o corpo e tudo aquilo que define a natureza da forma humana, tem sido colocado em interrogação e evidência em função de uma idéia centrada na superação da oposição entre o universo orgânico do homem e o universo inorgânico das máquinas, em prol de uma lógica capaz de reconhecer que “a vida e seus ambientes externos e internos estão inextricavelmente mediados por tecnologias”².

Diversos pensadores contemporâneos têm se dedicado a reflexões acerca dos fenômenos envolvendo o corpo e as novas tecnociências, buscando apontar e nomear mudanças físicas, mentais, perceptivas, cognitivas e sensórias que estão em processo. Neste contexto encontramos o “hipercoipo” em Pierre Lévy, o “corpo obsoleto” em Stelarc, o “metacoipo” em Paul Virilio e o “pós-humano” em Lúcia Santaella.

Pierre Lévy analisa o atual processo de virtualização do coipo humano evidenciado pelas novas tecnologias como uma mudança de identidade, como a transformação de uma atividade especial e circunscrita em funcionamento não localizado, dessincronizado, coletivizado. Na concepção de Lévy esta virtualização incita várias mudanças e intercâmbios: quer seja através de transplantes que criam uma grande circulação de órgãos entre coipos humanos ou entre humanos e animais, quer seja através da confusão entre o espaço orgânico vivo e o espaço mineral, por meio de próteses ou enxertos, tais como dentes falsos, seios de silicone, lentes de contato, marcapassos e filtros externos. Com a socialização do sangue, a implantação de redes internacionais de transplantes e bancos de óvulos e espermatozoides, cada coipo individual estende seus tecidos e fronteiras orgânicas para outros indivíduos e espécies, tornando-se gradativamente integrante de um hipercoipo híbrido e desterritorializado.³

² PALUMBO apud SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano*. São Paulo: Paullus, 2003, p.272.

³ LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996, p.30-31.

Para o artista australiano Stelarc, vivenciamos o momento de interrogar se o corpo humano está adequado aos atuais parâmetros de sobrevivência que se instalam com a emergência das novas tecnologias. “Considerar o corpo obsoleto em sua forma e função pode ser o auge da tolice tecnológica, mas mesmo assim, pode ser a maior das realizações humanas”. O artista prega a importância de reprojetar o corpo e redefinir o que é humano, tomando o corpo como um objeto – “não como objeto de desejo, mas um objeto de projeto”. Para além da liberdade de idéias, seria importante dar ao corpo a liberdade de forma que, para Stelarc, é a liberdade para modificar o próprio corpo visando uma sobrevivência futura em condições variáveis de atmosfera, gravitação e campo eletromagnético.⁴

Na visão de Paul Virilio não se trata mais de preservar a saúde minorando a fadiga e o esforço, trata-se agora de aumentar a vitalidade do corpo graças a impulsões biotecnológicas. “O que dizer quando a própria ciência é que anuncia a degenerescência da evolução da humanidade?” Talvez que ela venha a assumir uma nova forma de sacerdócio que anuncia o nascimento de uma nova saúde para um corpo novo, um metacorpo composto por órgãos de reposição mais eficientes que os de nossa fisiologia natural.⁵

De acordo com Lúcia Santaella, no atual estatuto do corpo, o tema de maior importância é a dimensão invisível, ou seja, aquela que ainda não se manifesta na anatomia de maneira externa. O corpo pós-humano é marcado por uma dissolução das fronteiras subjetivas e pela idéia de um organismo não mais considerado como invólucro da alma, mas em sua complexidade, vulnerabilidade e suscetibilidade para interagir com as novas tecnologias. A reconfiguração do corpo humano na fusão tecnológica e em extensões biomaquínicas está criando a natureza híbrida de um organismo protético que instaura uma nova forma de relação ou continuidade eletromagnética entre o ser humano e as máquinas.⁶

No espaço da produção artística contemporânea, um número considerável de artistas tem se interessado por uma neotematização corporal tomando como objeto central de suas produções as relações entre o corpo e as novas tecnologias, utilizando muitas vezes, como meio de expressão, processos que têm propiciado no presente, maneiras de observar e vivenciar transformações futuras. Uma espécie de *body art* de inspiração tecnológica ganhou evidência agregada a operações físicas e conceituais atentas a atual proliferação de discursos ligados ao universo das ciências da vida e da teleinformática. Neste contexto podemos destacar o trabalho de Helen Chadwick, Cindy Sherman, Jeanne Dunning, Chuck Close, Mat Collishaw, Andrés Serrano e Nancy Burson. A maior parte destes artistas trabalha com fotografia e processos de manipulação digital de imagens, o que nos leva a questionar porque estes métodos e meios passaram a desempenhar um papel significativo na arte que articula questões entre corpo e tecnociências.

Michelle Henning⁷ enfatiza que a fascinação com o corpo está ligada ao advento de novas tecnologias e formas de conhecimento técnico, além das descobertas da genética e medicina que parecem oferecer a possibilidade de transformar radicalmente o corpo.

4 STELARC. Das estratégias psicológicas as ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota. In: DOMINGUES, Diana (Org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.52-62.

5 VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.91-107.

6 SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2003.

7 HENNING, Michelle. The subject as object: Photography and the human body. In: WELLS, Liz (ed) *Photography: a critical introduction*. New York: Routledge, 2001, p.218-250.

8

BUSSELE, Rebeca. A defining Reality: The Photographs of Nancy Burson. *Aperture*. n. 135, 1995, p.73.

9

JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p.104-105.

A globalização e diversificação das mídias e seu alvo dirigido para grupos de interesse promoveram um revigoramento na visibilidade da representação fotográfica do corpo. Além disso, há de se considerar os modelos pelos quais a manipulação fotográfica intervém na imagem do corpo, atuando como importante meio e instrumento de prospecção e possibilidades de transformação corporal.

No trabalho da artista norte-americana Nancy Burson, uma das pioneiras no uso artístico da imagem digital, podemos verificar uma crescente preocupação com a estética corporal e com os desígnios das pesquisas genéticas. Burson e seu marido, o fotógrafo e pesquisador David Kramlich, desenvolveram softwares interativos que promovem hibridismos entre faces de indivíduos, rejuvenescimentos, envelhecimentos, além de várias anomalias. Com tecnologias pioneiras, Burson produziu uma série de imagens de seres humanos estranhos que se assemelham a deficientes físicos. Nestes trabalhos, a artista problematiza as atuais metamorfoses corporais propiciadas pela abertura de possibilidades genéticas e cirúrgicas e a capacidade do corpo em adquirir outras configurações bem distantes e divergentes da sua natureza original. São obras que apresentam um corpo marcado por uma desregulação no equilíbrio necessário entre o “corpo próprio” e o “mundo próprio” de cada um. Um corpo metamorfoseado, caracterizado pelo excesso de possibilidades de alteração e por uma quebra de identidade.

Em outras propostas, Burson lida com imagens extraídas de livros médicos evidenciando crianças na condição de progeria ou deficiência física. Essas imagens, já incomuns por natureza, são deformadas através de processos digitais a fim de intensificar as anormalidades e produzir um repertório de criaturas de grande estranhamento. (fig. 1)

Fig. 1 – Patrícia Piccinini: “Untitled”, 1992

Contrapondo-se à idéia de beleza e prazer estético, propagados pelos modismos de gerenciamento da estética corporal, Burson volta-se para os humanos incomuns, “aqueles que nossos olhos evitam, ou aqueles em que raramente fixamos o olhar”⁸. Mergulhada na anatomia humana, a artista procura no desconforto da aparência a imagem do próximo como espelho de nossos medos, sentimentos, apreensões e ansiedades. O imperativo moral da equivalência dos corpos nos força a reconhecer, no corpo do outro, o duplo de nosso próprio corpo. A ética, numa perspectiva universal, herdada dessa vontade comum de

sermos todos semelhantes, elimina toda figura de uma radicalidade exótica qualquer, transformando-a imediatamente em perversidade estética?

Os trabalhos da artista australiana Patrícia Piccinini também suscitam interessantes reflexões acerca das relações entre arte e biotecnologia. Trabalhando com fotografia, animações digitais e esculturas hiperrealistas Piccinini coloca em cena a idéia de rompimento da evidência humana. Seus trabalhos dialogam com o excesso de permissividade relacionado a mutações que aniquilam corpos naturais. Portadores de uma taxonomia inclassificável, seus seres parcialmente humanos apresentam anatomias

Fig. 2 – Patrícia Piccinini:
“The Young Family”, 2002

Fig. 3 – Patrícia Piccinini:
“Undivided”, 2005

estranhas e desmedidas, fora do sistema simbólico e, portanto, da inteligibilidade que define as fronteiras entre as categorias de objetos, seres e pensamentos. (fig. 2 e fig.3)

Os seres de Patrícia Piccinini, aparentemente irrealistas, apontam para uma ficção que se mostra cada vez mais presente em organismos que começam a ganhar vida dentro dos mais avançados laboratórios de biotecnologia. É interessante perceber que as inquietações da artista não estão direcionadas para questões relativas à possibilidade de existência concreta

das criaturas que realiza, tampouco por um julgamento moral sobre o desenvolvimento de clones e transgênicos. Seu discurso, para além da atenção sobre a fantasmagonia e a curiosidade evocada por seus trabalhos, pretende questionar se a raça humana está pronta para admitir e conviver com novas criaturas geradas em laboratórios como membros de famílias dentro da sociedade.

Em suas reflexões, Piccinini retoma *Frankenstein* de Mary Shelley, em que um cientista e médico, através de um amontoado de enxertos e peças anatômicas emaranhadas entre a vida e a morte, dá vida a um ser monstruoso que será repellido por sua estranheza. No artigo *A Síndrome de Frankenstein* publicado no livro *Políticas do Corpo*, David Le Breton considera que *Frankenstein* é um mito clássico constantemente retomado por permanecer como um forte alerta à questão dos limites do uso do corpo humano como material biológico disponível a qualquer forma de experiência. Quando rejeitada, a criatura não compreende a recusa e é compelida a defender-se, com uma violência que é apenas uma resposta ao atentado simbólico que sofre. A pulsão de morte persegue um corpo gerado como um quebra-cabeça que abole a humanidade e ultrapassa a fronteira entre morte e vida. No livro "*Frankenstein ou os delírios da razão*", a psicanalista Monette Vacquin afirma que "todo o interesse que os homens modernos demonstraram por Frankenstein vem, sem dúvida, do fato de o sobrenatural, o horror e a ameaça não serem, nesse relato, de ordem mágica, nem repousarem sobre a bruxaria ou a necromancia, mas sobre as mais contemporâneas pesquisas científicas"¹⁰.

Os trabalhos de Piccinini também nos remetem ao romance *A ilha do Dr. Moreau*¹¹ que exemplifica o sentimento de profundo mal-estar promovido pela desordem das formas que abala a natureza do corpo. No livro são narradas as experiências do Dr. Moreau na tentativa de aperfeiçoar geneticamente os seres humanos. O resultado de suas investigações é a criação de criaturas bizarras, meio-homem, meio-animal. Seres incomuns e sem identidade, em razão do hibridismo de suas origens.

Burson e Piccinini repensam o corpo e evidenciam o estranhamento anatômico gerado pelas possibilidades de transformação. No trabalho destas artistas o homem está diante de sua natureza perecível e reciclável, além da sua irrevogável condição de matéria e objeto que ele é ou pode vir a ser. Materializando imagens de novas criaturas, as artistas trabalham reafirmando inexoravelmente a degradação progressiva da anatomia humana.

Nada impede o homem de imaginar um tempo onde uma humanidade pacificada e cada vez mais aberta aos refinamentos da vida e do espírito, poderá fazer um uso racional e benéfico do progresso tecnológico e de seus produtos, incluindo aí o domínio total da biotecnologia. Mas se facilmente nos sentimos incomodados com naturezas físicas disformes, resta saber que tipo de sentimento e reação teremos diante de seres híbridos ou de clones criados com o propósito de servir como repositórios de órgãos. Em paralelo às preocupações de Piccinini e Burson podemos interrogar se as sociedades

¹⁰ LE BRETON, David. A Síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANA, Denise Bernuzzi (Org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

¹¹ Romance de autoria do escritor inglês Herbert George Wells publicado em 1896 e popularizado em diversas produções cinematográficas (1933, 1977 e 1996).

humanas podem estar moralmente à altura do desafio que constituiria a capacidade de gerar e controlar pelas tecnologias a vida e a forma dos seres humanos.

No momento em que vivenciamos a passagem da reprodução assistida à produção de novas espécies, somos igualmente confrontados com os desígnios das novas descobertas biotecnológicas capazes de promover uma nova forma de existência mais resistente e prolongada para nós mesmos e para as gerações futuras. Neste sentido é necessário manter um constante posicionamento crítico para todas as questões ligadas à adaptação ou mutação do humano, bem como para as tensões dinâmicas e incertas que se estabelecem nas relações entre indivíduo, comunidade, racionalidade e sentido.

BIBLIOGRAFIA

- BERGSON, Henry. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERLINGUER, Giovanni e GARrafa, Volnei. *O Mercado humano: Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo*. Brasília: Editora da UnB, 1996.
- BUSSELE, Rebeca. *A defining Reality: The Photographs of Nancy Burson*. Aperture. n. 135, 1996.
- CLAIR, Jean. *Impossible Anatomy 1895-1995. Identity and Alterity. La Biennale di Venezia. 46ª Esposizione Internazionale*. Venezia: Marsilio Editori s.p.a., 1995.
- EWING, William A. *El Cuerpo*. Fotografias de la configuracion humana. Madrid: Ediciones Siruela S.A., 1994.
- HENNING, Michelle. *The subject as object: Photography and the human body*. In: WELLS, Liz (ed) *Photography: a critical introduction*. New York: Routledge, 2001.
- JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- LE BRETON, David. *A Síndrome de Frankenstein*. In: SANT'ANA, Denise Bernuzzi (Org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- LÉVY, Pierre. *O Que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MORAES, Eliane Robert. *O Corpo Impossível*. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano*. São Paulo: Paullus Editora, 2003.
- SIBILIA, Paula. *O Homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- STELARC. *Das estratégias psicológicas as ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota*. In: DOMINGUES, Diana (Org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- VACQUIN, Monette. *Frankenstein ou les délires de la raison*. Paris: François Bourin, 1989.
- VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

RICARDO CRISTOFARO é artista plástico e professor do Instituto de Artes da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG; Mestre em Arte e Tecnologia da Imagem pela UnB/Brasília e doutorando no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais IA/UFRGS, Porto Alegre/RS.